

A cura espiritual em tempos de midiaticização: a ressonância espetacular dos “milagres do além”

Robéria Nádia Araújo Nascimento*

Emilson Ferreira Garcia Júnior†

Índice

1	Introduzindo nosso propósito	1
2	A espetacularização midiática e seus reflexos no contexto religioso	3
3	A diversidade da fé e os novos modos de religiosidade	5
4	A visão espírita sobre “os milagres do além”	6
	Referências	10

Resumo

A doutrina espírita tem despertado o interesse midiático, sobretudo quando diferentes meios enfatizam os supostos milagres das curas mediúnicas. Com este eixo de fundamentação, o presente artigo parte da premissa de que tais curas, decorrentes das cirurgias espirituais, são apresentadas pela mídia de maneira espetacularizada, constituindo-se não em matrizes informativas, mas fenômenos inerentes ao processo de midiaticização contemporânea. Ilustra-se esse

*Professora do curso de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Doutora em Educação. rnadia@terra.com.br.

†Graduando em Comunicação Social pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Bolsista de Iniciação Científica (UEPB/CNPQ). emilson.garcia@bol.com.br.

argumento a partir da observação de uma reportagem sobre o médium goiano João Teixeira de Faria, o João de Deus. A discussão empreendida deriva de uma pesquisa em andamento¹ que visa perscrutar, no espaço social, as implicações do pluralismo religioso brasileiro.

Palavras-chave: espetacularização, midiaticização, doutrina espírita, médium João de Deus.

1 Introduzindo nosso propósito

HOJE, não podemos ignorar o fato incontestável de que a mídia tece relações estreitas com a esfera religiosa, seja em seu próprio nome (nas intervenções de pessoas e grupos religiosos, na realização de programas de rádio ou de TV, nas publicações especializadas, na crescente “indústria cultural” de matriz religiosa) ou no que concerne à temática religião nos seus entremeios com o espaço social (documentários, entrevistas, coberturas de notícias em números expressivos). Na internet, *sites* de relacionamentos e comunidades afins sobre a temática se mul-

¹Intitulada: *Em nome de uma fé plural: a diversidade religiosa do Programa Sagrado da Rede Globo*, desenvolvida sob nossa orientação.

tiplicam, propagando suas crenças e alimentando a efervescência que cerca esse debate. Desse modo, entendemos que instigar essa discussão implica compreender a convergência do pluralismo religioso brasileiro com a presença imperativa que a mídia assume no cotidiano social.

No que concerne ao espiritismo, doutrina em franca expansão, observamos que o interesse midiático se revela sob a forma de telenovelas, minisséries e grandes produções cinematográficas (as surpreendentes bilheterias dos filmes *Chico Xavier*, *Bezerra de Menezes*, *Nosso Lar*, *As mães de Chico Xavier*, acrescidas ao recente *Filme dos Espíritos*, investimentos da Globo Filmes que ilustram bem essa perspectiva), e ainda artigos na imprensa diária e revistas semanais. A Rede TV apresenta aos domingos, no horário da tarde, o programa “*Transição*” de conteúdo Kardecista. Tudo isso sem mencionarmos as inúmeras opções de cunho religioso oferecidas pela TV por assinatura.

São muitas reportagens especializadas que abordam temas ligados à expansão evangélica, aos fundamentalismos religiosos, à crise institucional do catolicismo, às práticas mediúnicas e aos movimentos da Nova Era, identificando as matrizes transversais que perpassam essa problemática nas suas interações com os campos da Sociologia, Comunicação, História, Ciências da Religião, Antropologia, Filosofia, aliadas, sobretudo, às vivências pessoais dos sujeitos que se deparam com os impactos dessa nova conjuntura.

Para os fins deste artigo, destacamos a revista semanal *Isto É* (18/01/2012), que trouxe como matéria de capa *Os poderes de João de Deus*, reportagem especial realizada em Abadiânia, Goiás, sobre o médium João

Teixeira de Faria, um senhor de 69 anos, que se declara analfabeto funcional, mas que é capaz de atrair para o município de apenas 13 mil habitantes, milhares de pessoas todas as semanas, em busca de cura para diversos males. Diz o referido texto que até hoje a Casa Dom Inácio de Loyola, centro no qual o médium trabalha, contabiliza 9 milhões de atendimento, com grande parte da clientela proveniente de outros países (80%), com um registro significativo de políticos, atores, cantores e celebridades de um modo geral. Segundo a reportagem, o local possui 12 mil metros quadrados, 200 cadeiras para acomodar a assembleia e 1500 leitos para o descanso que se faz necessário após as intervenções cirúrgicas que ali são realizadas. O centro emprega 436 funcionários, possuindo livraria, lanchonete, farmácia e sala de banho de cristal para energizar os frequentadores. Os gastos da instituição giram em torno de R\$90 mil mensais. Entretanto, o turismo espiritual que incentiva na cidade parece ser mais significativo, afinal movimenta intensamente o comércio de cristais e de roupas brancas, necessários para os rituais desenvolvidos na assistência pública.

Os números impressionam, sobretudo porque em Abadiânia não há cinema, teatro ou shoppings, espaços de lazer habituais nos centros urbanos. Porém, cerca dos 30 hotéis existentes vivem lotados de visitantes de diversas partes do mundo. Os supostos milagres do médium já foram tema do programa de Oprah Winfrey, apresentadora americana de grande audiência, e do Discovery Channel, exibido em TV por assinatura. Tumores, paralisia, dores crônicas, rinites e outras enfermidades são curadas sem cortes, ausência de infecções e sem internações; em alguns casos, o médium receita o medicamento *pas-*

siflora, cuja fórmula é manipulada por farmacêuticos e vendida no templo por R\$50. Entretanto, nenhuma cirurgia é cobrada por João de Deus, o que, de início, afasta possíveis especulações a respeito de exploração da fé.

Ainda que os limites deste texto não permitam uma análise aprofundada da citada matéria, a intensa divulgação midiática do cotidiano assistencialista de tais médiuns parece sinalizar nítidas estratégias de espetacularização noticiosa. Por que, afinal, casos como esses são expostos em diferentes mídias e seus protagonistas adquirem tamanha visibilidade? Como o espiritismo entende esse fenômeno de recorrente publicização através dos médiuns que se sucedem nessas atividades? Até que ponto os artifícios espetaculares produzem “desinformação” na sociedade? Na verdade, a cura pela fé continua a desafiar a compreensão da ciência e se coloca como instigante questão contemporânea, uma vez que transcende as fronteiras religiosas (João de Deus, inclusive, se declara católico, evidência de que o fenômeno da mediunidade curadora se coloca para além dos domínios do espiritismo), demandando estudos e pesquisas que abordem o tema, sem constrangimentos ou especulações contrárias ao avanço do conhecimento em questão, e sem incomodar os adeptos da doutrina espírita, conhecida por defender a racionalização da fé e rejeitar proselitismos.

Se tais inquietações suscitaram este texto, uma ressalva se faz necessária. Não pretendemos aqui analisar a veracidade das possíveis curas mediúnicas, mas perceber como suas repercussões constituem importantes debates no âmbito das incursões teóricas e na esfera espírita de Campina Grande, PB,

nosso *locus* de vivências, observações científicas e interesse epistemológico.

Com esse propósito, o aporte teórico-metodológico da presente exposição contempla, principalmente, os estudos de Debord (1997), Fausto Neto (2008), Martino (2003), Sodré (2009), no que se reporta à espetacularização e à midiaticização contemporâneas, aliados à citação de depoimentos, obtidos com dois pesquisadores-expositores da doutrina espírita, a professora Dra. Denise Lima de Araújo (UFCG) e o publicitário e autor espírita pernambucano Frederico Menezes de Oliveira, que nos possibilitam algumas luzes sobre os denominados *milagres do além*.

2 A espetacularização midiática e seus reflexos no contexto religioso

Debord (1997) argumenta que a prática do espetáculo transformou economicamente o mundo: “a raiz do espetáculo está no terreno da economia” (Debord, 1997, p. 11). Sobre tudo no domínio da mídia, o indivíduo espectador está sujeito a muitas táticas de convencimento, aliadas ao exagero e à performance discursiva, com imagens que “vendem” ideias e pensamentos. A representação midiática gera fluxos de realidade que buscam “unificar” opiniões e pontos de vistas. “O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação entre as pessoas mediada por imagens; uma visão de mundo que se objetivou” (Debord, 1997, p. 15).

Desse modo, a intencionalidade discursiva de *Isto É* revela o aspecto *quantitativo* dos artifícios de adesão dos leitores aos fatos apresentados. Os mecanismos de

atração ocorrem mediante a exposição dos dados (numéricos, já mencionados) e fotos do cenário religioso que retratam o cotidiano do médium João de Deus. Surgem, na reportagem, inúmeras pessoas na fila de espera, vestidas de branco, envolvidas por um ambiente repleto de símbolos religiosos onde a fé católica se mistura ao sincretismo e às imagens holísticas. A reportagem expõe ainda fotos de famosos frequentadores do centro Dom Inácio como a apresentadora Xuxa, o ator Marcos Frota e o ex-presidente Lula, que faz tratamento recente contra um câncer.

Para o autor supracitado, é possível constatar que o espetáculo (nem sempre informativo) necessita da “idolatria das massas” para vender suas mensagens. Tarefa que a mídia cumpre com notória vocação e louvor. Sobre esse processo, argumenta Fausto Neto (2008) que não basta mais reconhecer a centralidade dos meios na tarefa de organizar a interação entre os campos sociais, mas de admitir que “a constituição e o funcionamento da sociedade – de suas práticas, lógicas e esquemas de codificação – estão atravessados e permeados por pressupostos e lógicas do que se denominaria cultura da mídia” (Fausto Neto, 2008, p. 92).

Essa cultura, por sua vez, configura um reflexo da intensificação das convergências tecnológicas que perpassam os meios de comunicação (informática, telecomunicações e audiovisuais), afetando todos os campos sociais, suas práticas e interações, que passam a se organizar e a funcionar tendo como referência a existência de lógicas e operações midiáticas (Fausto Neto, 2008). Desse modo, a mídia interfere na produção de sentidos, a partir das mensagens difundidas, dos mecanismos utilizados, consti-

tuindo estratégias discursivas e diferentes categorias de enunciação. Os meios não são apenas considerados dispositivos de transmissão de conteúdos, mas poderosos ambientes, capazes de criar sistemas reguladores de posicionamentos num registro simbólico que pode modificar a percepção da realidade.

De acordo com o autor, a própria noção de fé muda substancialmente na medida em que sua ambiência deixa de ser estruturada pela simbólica do campo religioso, passando a ser permeada agora pelo simbolismo da cultura das mídias. Este novo *lócus* – o da mídia – proporciona processos de ajuntamentos dos fiéis em torno de uma espécie de comunidade na qual se vive de modo intenso e peculiar, compartilhando um modo de fazer religião inspirado nos “gêneros”, estilos e linguagens das mídias com suas estratégias de sedução.

Carvalho (1997) também raciocina em torno dessa problemática. Esclarece que um processo distinto dos templos sucede quando a relação com o *sagrado* ou o *santo* é *mediatizada* (na expressão do autor). Isto é, quando somos conduzidos a questões de cunho religioso através de “profissionais” que editam e conduzem o processo da mediação, em revistas, jornais ou livros. Nesses âmbitos, as histórias são contadas por outros; não vividas, por isso a fé se torna produto de mediação sendo *mercantilizada*. Trata-se de um mercado *gigantesco*; e a necessidade espiritual do público também é elevada: “O valor em jogo já não é mais a condição espiritual alcançada, mas a eficácia da própria *mediação* que nos permitiu aproximar-nos dela” (Carvalho, 1997, p. 17).

O pensamento de Sodré (2009) trilha a mesma direção. Para ele, a metáfora do espelho e de seus espectros é um caminho apropriado para se vislumbrar o mundo

hipermidiático que vivenciamos, em termos de poder, identidades, mentalidades, condutas, capaz de produzir um *ethos* midiático repleto de implicações *virtualizantes*: “À maneira do anjo, mensageiro de um poder simbólico no espaço etéreo, as tecnologias da comunicação instituem-se como boca de Deus: fetichizam a realidade” (Sodré, 2009, p. 11).

As inúmeras possibilidades do fetiche do *multimedialismo*, no dizer de Sodré (2009), coincidem com a visão de Martino (2003), a respeito da relação entre mídia e religiosidade. Para o autor, a sociedade contemporânea está permeada de matrizes religiosas que não mais existem distanciadas dos meios de comunicação. Esse fato conduz a compreensão de que a mídia, nos seus vários formatos e suportes, assume papel preponderante na difusão do pensamento religioso no Brasil, para além de uma ação meramente coadjuvante nesse processo.

Entretanto, as mídias não podem ser analisadas apenas pelos produtos que divulgam, mas pela *dinâmica cultural* complexa que as envolvem. Na verdade, a cultura é que cria com o campo da comunicação uma teia de relações e implicações. Nesse sentido, as narrativas midiáticas possibilitam diversas leituras: constituem uma mediação fundamental entre as lógicas do sistema produtivo e as do sistema de consumo, entre a do formato do meio e os modos de ler da sociedade, bem como de suas apropriações dos conteúdos. A tudo isso se atrela de modo nítido, a lógica de um mercado de informações que se apropria dos fenômenos e os “vendem” para os interessados em consumi-los.

3 A diversidade da fé e os novos modos de religiosidade

No novo contexto de religiosidade que vivenciamos, as relações entre midiatização religiosa e realidade social são essencialmente *culturais*. Tais relações mostram-se cada vez mais próximas e apontam para um pacto discursivo estabelecido entre o enunciador (o meio) e o receptor (a audiência) no entorno social. Pacto que evidencia o entrelaçamento entre os campos da mídia e da religião, em razão da visibilidade concedida às mensagens temáticas dessa natureza.

A permeabilidade midiática se torna intensa na rotina dos campos sociais, transformando o alcance das mensagens na esfera pública e interferindo na constituição de sentidos dos receptores. Martino (2003) salienta que a mídia divulga duas espécies de bens culturais: os *simbólicos*, relacionados à satisfação mental-espiritual, e os materiais “dos quais depende o funcionamento da instituição religiosa (...) e isso atesta a interdependência entre o campo religioso e outros campos sociais” (Martino, 2003, p. 11-12). As leituras e interpretações do público são motivadas pelos vínculos de proximidade, à medida que o veículo enfatiza laços de pertencimento com as expectativas desse mesmo público. Com isso, as matérias são vendidas para um consumo imediato, previsto e concedido.

Assim, a diversidade cultural promove, por extensão, a diversidade de fé que gera as condições propícias para a atração pelos fenômenos de natureza mediúnica. O elemento sobrenatural impulsiona a curiosidade, obviamente, por não ser visto, tocado, sentido diretamente. Nesse cenário de possibilidades, a religiosidade tem a ver com sen-

timento e se traduz na forma como cada indivíduo vivencia e internalizam suas crenças e práticas, para além do sentido de filiação a esta ou aquela doutrina específica. Acreditar em algo ou não tem a ver com um sentimento aberto e em construção, atrelado a questionamentos, indefinições, circunstâncias.

Nesse sentido, as mensagens midiáticas pouco contribuem para o esclarecimento, com exceção das publicações especializadas. O foco reside na ampla ressonância das mensagens desprovida de uma análise de suas implicações junto ao público leigo na temática religiosa. Essa problematização nos parece oportuna, porque, nos termos de Negrão (2008), a diversidade religiosa que é alimentada pela mídia abre possibilidades plurais que podem propagar uma espécie de “religião mística”, isto é, um conceito de religiosidade antiinstitucionalizado, que extravasa as fronteiras das igrejas, incentivando o fanatismo das pessoas.

Os *católicos mutantes*, no dizer do autor, são os que mais impulsionam a noção de ecumenismo propagada pela mídia, por não serem exclusivos em sua identidade religiosa, pois muitos acreditam na reencarnação e lêem livros espíritas, mesmo que não frequentem centros. Assim, esse tipo de religiosidade dúbia e aberta não seria uma prática radicalmente racionalizada, já que contém um padrão místico, não ascético, individualizado e com fortes tendências sincréticas e pluralistas. Nem seria tampouco homogênea, uma vez que, além de elementos cristãos, abrigaria elementos *simpatizantes* de tradições alternativas, como aquelas relacionadas às curas mediúnicas. “Além disso, os católicos que retornam a sua crença o fazem sem maior fidelidade à ortodoxia, ou mesmo sem nenhuma vinculação ou com-

promisso institucional. Criticam ainda aspectos da doutrina da igreja, vista como autoritária e dogmática” (Negrão, 2008, p. 127).

O autor acredita que a maioria dos mutantes ou os *futuros mutantes* religiosos aceitam com naturalidade os convites que lhes são feitos, vão conhecer diferentes grupos, submetem-se a tratamentos espirituais com esperança e sem hesitações, sentem-se desafiados pelo desconhecido. Há, portanto, uma predisposição favorável a essa diversidade no convite de se conhecer, participar e vivenciar aproximações com experiências religiosas variadas, pois todas são vistas por esses mutantes “como igualmente boas e caminhos alternativos para o mesmo Deus” (Negrão, 2008, p. 130).

4 A visão espírita sobre “os milagres do além”

Embora hoje se verifique uma maior abertura em torno dos fenômenos espirituais, alguns médiuns ainda são considerados impostores, mistificadores, curandeiros ou charlatões. João de Deus é supostamente dotado de poderes sobrenaturais, paranormais ou sensitivos, mas tem plena consciência dos seus atos durante os atendimentos. Isso significa que não perde o domínio de suas faculdades em nome de um transe mediúnico. Realiza os procedimentos com ou sem cortes. Apesar das chances de cura obtidas, aconselha sempre os pacientes a não abandonarem o tratamento médico que porventura tenham iniciado.

A cirurgia espiritual é um fenômeno do século XX, e apesar de predominar em áreas rurais das Filipinas, no Brasil se concen-

tra nos setores urbanizados e industrializados. Os médiuns brasileiros não são curandeiros tradicionais, mas produtos da modernização de nossa sociedade, o que explica o fato de serem procurados por integrantes dos estratos socioeconomicamente mais elevados (Almeida, Gollner, 2000).

O espiritismo teve origem na França quando seu codificador, Hippolyte – Léon Denizard Rivail, cujo pseudônimo é Allan Kardec, iniciou uma série de investigações científicas sobre as possíveis manifestações dos espíritos. Esse trabalho resultou na obra “O Livro dos Espíritos”, lançada em 1857. Os pressupostos desvendados por Kardec receberam a denominação de *Espiritismo* ou *Doutrina Espírita*. Definido como uma ciência “que trata da natureza, origem e destino dos espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal” (Kardec, 1994, p. 15).

A mediunidade, por sua vez, é considerada uma faculdade natural que se amplia, mediante estudo, prática e dedicação, para os fenômenos realizados pelo *médium*, pessoa que serve de instrumento, de intermediária, entre os espíritos e os homens. Todo aquele que sente, em um grau qualquer, a influência dos espíritos é, por esse fato, médium, embora algumas pessoas desconheçam essas potencialidades, que independem de religião, associando-as à filiação ao espiritismo. Curadores são, portanto, os médiuns que têm o dom de curar pelo simples toque, pelo olhar, mesmo por um gesto, sem o concurso de qualquer medicação (Kardec, 1993).

Entretanto, tal prática requer conhecimento doutrinário em termos de racionalidade e não pode ser entendida ou vivida com leviandade, conforme explica Kardec, mas com seriedade em torno de suas conse-

quências. Experiências mal conduzidas podem gerar histórias fantásticas decorrentes da imaginação, mistificação ou espetáculos entre aqueles que não são esclarecidos a respeito das manifestações que presenciam. Nesse sentido, a espetacularização midiática não contribui para os propósitos da doutrina espírita, embora popularize, ainda que de forma enviesada, alguns de seus preceitos.

Argumenta Kardec sobre a missão da mediunidade (1998): “os médiuns não obedecem a caprichos (...) quem exhibe suas faculdades ou é um ignorante ou um impostor. O espiritismo verdadeiro jamais se exhibirá em espetáculos ou subirá em tablados de parques de diversões. É ilógico supor que os espíritos, através dos médiuns, desfilem em paradas ou se mostrem à curiosidade sem um fim nobre” (Kardec, 1998, p. 30). Este fim nobre se refere à ação da mediunidade curadora e da influência da prece, potencializadas pelo magnetismo fluídico de alguns indivíduos que utilizam seus dons para a assistência dos necessitados. Tal fim, de preferência, não precisa ser alardeado, embora médiuns de efeito físico sejam capazes de provocar efeitos materiais no ambiente ou manifestações ostensivas embora não desejem realizar exposição de seus feitos.

Diante dessas considerações, como o espiritismo entende o fenômeno mediúnico João de Deus? O publicitário Frederico Menezes de Oliveira, pesquisador-expositor espírita pernambucano, faz a seguinte leitura da questão:

Em todas as épocas, Deus sempre permitiu que médiuns, intermediários, com o objetivo de aliviar o sofrimento humano, pudessem atuar na terra. João de

Deus, embora eu não o conheça pessoalmente, vem realizando sua missão em socorrer aqueles que apresentam enfermidades físicas ou psíquicas. O Espiritismo não é concorrente do tratamento médico tradicional. Ao contrário, vemos a medicina como uma ferramenta de Deus para o ser humano. Porém, a misericórdia divina é tão grande que a direção espiritual tem estreitado laços com a terra para trazer benefícios. Então, João de Deus, ao que parece, é um homem de fé, compenetrado em sua missão. Mas é colocado no centro das atenções, e é preciso muita maturidade para não ser levado pela vaidade, pois quem tem que brilhar é Jesus, nessa nossa missão.

Nessa perspectiva, a campinense Denise Lima de Araújo, professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) expositora e estudiosa espírita, comenta as “ações cirúrgicas de João de Deus”. Em suas palavras:

O Movimento espírita encara com tranquilidade as cirurgias espirituais de João de Deus, pois são as ações de um médium. Porém, isso não é o principal foco da doutrina espírita. O principal foco da doutrina espírita é a consolação. Então, são as verdadeiras “cirurgias da alma” que cada um de nós faz em nós mesmos que curam nossos males, à medida que nós tomamos contato com a Doutrina

Espírita e vamos seguindo aquele preceito de Kardec que diz: “o verdadeiro espírita é aquele que doma as suas inclinações morais e faz a sua transformação para o melhor”. O médium João de Deus é muito conhecido, como outros médiuns de cura e até onde se tem apresentado, ele faz um trabalho que tem resultados bastante positivos. Agora, pode ser que não seja entendido por segmentos de outras religiões, pois vai ser sempre apontado como uma pessoa que está driblando, ludibriando a fé alheia.

Na verdade, os milagres do além ressoam com exagero no ambiente midiático, ampliando a visibilidade dos trabalhadores que apresentam faculdades especiais. Nesse sentido, a doutrina espírita adverte que o orgulho dos médiuns é o principal obstáculo de interferência nos processos de assistências espirituais. Afinal, o médium é um ser humano sujeito às imperfeições que lhes são próprias. Por isso, convém lembrar, de acordo com o ponto de vista doutrinário, que o mérito dessas curas, mediante cirurgias, provém dos benfeitores espirituais que, muitas vezes, omitem seus nomes ou origens a fim de não provocar nesses médiuns a vaidade de se sentirem eleitos para uma missão que, por si mesma, já é complexa para o entendimento terreno. Dessa forma, a importância da pessoa com dons mediúnicos é secundária diante da missão que representa. Conforme os postulados espíritas, o dom da cura é um exercício para o bem e a caridade só apto a se manifestar em condições elevadas de moralidade.

Entretanto, as curas espíritas, sejam resultantes de cirurgias, de passes terapêuticos ou de tratamentos homeopáticos, dependem sempre do *merecimento* das pessoas necessitadas. A fé, nessa ótica, não se torna um saber racional a ser propagado, mas deve ser atrelada à responsabilidade individual, pois o espiritismo defende que a existência terrena é um processo de aprendizagem evolutiva para o ser humano. À luz da doutrina, os tratamentos espíritas, quando ministrados ou recebidos com convicção da cura, apresentam resultados satisfatórios, por isso os médiuns são meros instrumentos do auxílio divino e espera-se deles discrição compatível com a missão que realizam. Chico Xavier, em sua humildade e compromisso com o bem, evitava expor suas vivências dedicando-se ao trabalho consolador de sua psicografia.

O Dr. Bezerra de Menezes, outro exemplo de trabalhador abnegado, é uma das entidades mais citadas entre os médiuns curadores brasileiros. Médico alopata por formação, não operava seus pacientes, mas se tornou *receitista*, guiado em suas prescrições por espíritos protetores que lhe auxiliavam. A arte de curar, para ele, era um ato de caridade contínuo a ser posto em prática através de várias condutas terapêuticas adequadas ao perfil dos doentes. O *médico do espaço*, como é conhecido na doutrina espírita, sempre deu um sentido religioso a sua tarefa mediúnica, “invocando o dogma da infinita misericórdia de Deus (através do lema: *fora da caridade não há salvação!*) e não permitindo *publicidade* desnecessária de seus dons, a não ser para visibilizar, em cada declaração proferida, o nome de Jesus” (Arribas, 2010, p. 266-267).

Falta aos veículos de comunicação, se-

gundo Pierucci (2010), a percepção de que é necessário tratar os fenômenos ligados à religiosidade como artefatos produzidos pelos homens, e não como obra de espíritos sobre-humanos, divinos ou não, como algo proveniente de um além sobre-humano e supra-mundano. Assim, a mídia deveria se ater a duas questões fundamentais: 1) Como surge e se forma uma religião; como ela se faz; 2) Que tipo de pessoas a faz, o que lhe permite possuir uma dada configuração. Desse modo, urge criar uma consciência histórica do processo da religiosidade para além de suas mistificações, tornando-se mais claro e menos espetacularizado o sentido que se deseja atribuir as suas práticas.

No âmbito do espiritismo, a imprensa se volta para difundir o caráter filantrópico das práticas mediúnicas, mas não desenvolve uma análise aprofundada sobre seus impactos na religiosidade dos brasileiros e como se tornou hoje uma das doutrinas que mais se expande em sua realidade social. Revistas como a *Superinteressante*, da Editora Abril, até se mostram receptivas à temática, contudo ainda persistem traços irônicos no teor de suas reportagens, restringindo-se aos efeitos *mágico-religiosos-curativos* de alguns casos de ressonância nacional e questionando o viés científico da doutrina espírita.

À luz dessas considerações, entendemos que as abordagens de caráter religioso, como a que foi realizada pela revista *Isto É*, contemplam aspectos superficiais do tema e requerem mais habilidades e competências produtivas, da parte dos seus emissores, e interpretativas, da parte do público receptor. Tais reportagens mobilizam aspectos que vão além do ato de ver ou ler a realidade mostrada, sensibilizando o público

leitor para determinados *ângulos* dos fatos: tais narrativas, na verdade, exigem a percepção daquilo que constitui *significativamente* as intencionalidades das mensagens.

São, portanto, apropriações insuficientes de uma temática que exige conhecimento de seus termos, pesquisa teórica de seus postulados e distinções sobre a dinâmica simbólica que permeia o espiritismo, o que transcende os dados ou as referências numéricas que constam no referido texto. Evidente que não se pode alimentar a expectativa de se encontrar uma pesquisa de bases científicas num veículo massivo, mas ainda assim é nítido perceber que a revista superdimensiona o objeto empírico representado pela figura emblemática de João de Deus ao invés de informar, validando ou não, mediante aportes teóricos, os pressupostos doutrinários. A publicação focaliza o trabalho do médium sem a preocupação de expor depoimentos mais consistentes dos representantes da esfera religiosa espírita ou de pesquisadores das ciências da religião. Matérias assim têm um real significado para os adeptos do espiritismo? Auxiliam na sua popularização? Contradizem os preceitos de alusão ao proselitismo? São questões que nos impulsionam para a problemática. Todavia, a aceitação crescente do espiritismo no Brasil pode ser o ponto de partida para pesquisas que enfrentem, inclusive, as consequências do mercado de *bens de salvação* exposto nos grandes veículos noticiosos.

Para a mídia, investigar a multirreligiosidade que perpassa o país e discutir as nuances das suas diversas expressões de fé ainda se mostra uma ação genérica, pouco relacional, e uma tarefa incipiente diante dos significativos desafios postos pelos fenômenos contemporâneos que incidem na sociedade,

a exemplo das cirurgias e curas espirituais, que contém suas singularidades, mobilizam nosso interesse e alimentam nossa perplexidade.

Referências

- Almeida, A. & Gollner, A. (2000). *Cirurgia espiritual: uma investigação*. Rev. Assoc. Med. Brasileira: v.46. nº3. São Paulo.
- Arribas, C. (2010). *Afinal, espiritismo é religião? A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira*. São Paulo: Alameda.
- Carvalho, J. (1997). *Religião, mídia e os predicamentos da convivência pluralista*. Cadernos de Antropologia: Brasília, UNB.
- Debord, G. (1997). *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Fausto Neto, A. (2008). *Midiatização e processos sociais na América Latina*. São Paulo: Paulus.
- Kardec, A. (1993). *O Livro dos Médiuns*. Rio de Janeiro: FEB.
- _____. (1994). *O Livro dos Espíritos*. Rio de Janeiro: FEB.
- Martino, L. (2003). *Mídia e poder simbólico: um ensaio sobre comunicação e campo religioso*. São Paulo: Paulus.
- Negrão, L. (2008). *Mutantes religiosos*. *Tempo Social*. Revista de Sociologia da USP. Vol 20. nº2.

Pierucci, A. (2010). “Prefácio: um estudo exemplar de Sociologia da Religião. In: ARRIBAS, Célia da Graça”. *Afinal, espiritismo é religião? A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira*. São Paulo: Alameda.

Revista Isto É. (18 de janeiro de 2012). *As cirurgias espirituais de João de Deus*. Ano 36. N. 2201.

Sodré, M. (2009). *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis: Vozes.